



## LITERATURA POPULAR NA ESCOLA

Jacklaine de Almeida Silva  
*Universidade Estadual da Paraíba*

**RESUMO:** A literatura erudita é, ainda hoje, a privilegiada pela escola, que promove uma elitização das obras literárias, supervalorizando o cânone, o que, muitas vezes, distancia a literatura do aluno. Esse distanciamento é ainda mais evidente quando nos reportamos à literatura popular. Além de pouco contato na escola, o aluno, na maior parte das vezes, só tem a oportunidade de apreciá-la pelo prisma folclórico. No entanto, a literatura popular deve ser evidenciada pelo seu valor e porque também é uma prática da vida cultural do aluno, principalmente o nordestino. É importante que a escola permita ao aluno inserir-se no processo de recepção dos textos literários, especialmente aqueles que fazem parte de sua vivência e cultura, como sujeito marcado histórico e culturalmente, capaz de dialogar com suas próprias experiências. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é mostrar a importância da literatura popular no seio escolar. Para isso, apresentamos uma experiência de leitura de textos de poetas campinenses, realizada em turmas de ensino fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, localizada em um bairro periférico da cidade de Campina Grande-PB. Os alunos, através da experiência didática, puderam perceber o valor da literatura para suas vidas e para a comunidade de uma forma geral.

**Palavras-chave:** Literatura popular; Leitura; Sala de aula.

### 1 INTRODUÇÃO

A literatura erudita é, ainda hoje, a privilegiada pela escola, que promove uma elitização das obras literárias, supervalorizando o cânone, o que, muitas vezes, distancia a literatura do aluno. Esse distanciamento é ainda mais evidente quando nos reportamos à literatura popular. Além de pouco contato na escola, o aluno, na maior parte das vezes, só tem a oportunidade de apreciá-la pelo prisma folclórico.

No entanto, a literatura popular deve ser evidenciada pelo seu valor e porque também é uma prática da vida cultural do aluno, principalmente o nordestino. É importante que a escola permita ao aluno inserir-se no processo de recepção dos textos literários, especialmente aqueles que fazem parte de sua vivência e cultura, como sujeito



marcado histórico e culturalmente, capaz de dialogar com suas próprias experiências.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é mostrar a importância da literatura popular no seio escolar. Para isso, apresentamos uma experiência de leitura de textos de poetas campinenses, realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, localizada em um bairro periférico da cidade de Campina Grande-PB.

Para a realização da experiência didática nos baseamos na Teoria da Recepção e nas ideias de autores como: Bosi (1992), Pinheiro (2008), Ayala (2003), Abreu (2006), OCEM (2006) e Cosson (2006). Procuramos evidenciar que é possível um trabalho efetivo com o texto literário na escola e que esse trabalho possibilita ao alunado um olhar diferente sobre a literatura e as aulas de Língua Portuguesa de uma forma geral.

## **2 Importância da cultura popular no meio social escolar**

No texto “Cultura brasileira e culturas brasileiras”, Bosi (1992) deixa claro que se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em:

uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades) e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1992, p. 309)

A literatura erudita é, portanto, produzida pela elite intelectual e escolhida pelo cânone. Tem estímulos para ser produzida e divulgada. A literatura popular é produzida pelo povo, por isso, sem estímulos para ser produzida e divulgada. Há, ainda, a literatura de massa, produzida para o povo, e com estímulos para ser produzida e divulgada.

Márcia Abreu (2006), no livro *Cultura Letrada*, defende que o conceito de literatura é dinâmico, portanto, sua definição é algo cultural e histórico. Conforme a estudiosa, a literatura erudita não deve ser vista como “A” literatura. Existe a literatura popular e também a literatura de massa. O cânone, entretanto, privilegia a literatura erudita. Ela encerra seu livro afirmando: “Literatura não é uma questão de gosto: é uma questão política.” Sendo assim, Márcia Abreu destaca que não são apenas os aspectos linguísticos que são tomados para definir se uma obra faz parte da grande literatura, mas o prestígio sociocultural de quem a consagrou como grande: “Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos.” (ABREU, 2006, p.40). A autora lembra ainda que: “Não há obras boas ou ruins em definitivo. O que há são escolhas – e o poder daqueles que as fazem.”. (p.112).

É em virtude disso que, tradicionalmente, no Brasil, a escola e os livros didáticos priorizaram determinados autores e obras em detrimento de outros. Nessa perspectiva, é importante estudar sobre as obras e os autores consagrados, mas também é importante respeitarmos e buscarmos conhecer as literaturas de menor prestígio social, a exemplo do folheto de cordel e dos textos de escritores locais e contemporâneos.

As *OCEM* (2006) e os *Referenciais da Paraíba* (2006), inclusive, defendem a ideia de que o professor deve iniciar o processo de letramento por textos locais atuais, indo, gradativamente, se distanciando do tempo e espaço do aluno. Nesse sentido, é importante esclarecer que a sala de aula é o espaço propício para que o aluno dialogue sobre sua própria cultura. Sendo assim, a escola precisa organizar um espaço para que a literatura tenha um lugar nas práticas pedagógicas. De acordo com Cosson (2014, p. 50):

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque



os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos e vidas a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos.

Nesse sentido, é importante aproximar a literatura do cotidiano do aluno, o que é proposta da Teoria da Recepção. Na vertente da “Estética da Recepção” observam-se atos de leitura historicamente verificáveis. Na vertente do “Efeito Estético” busca-se o estabelecimento de um modelo genérico que dê conta do próprio ato de leitura de textos literários, independentemente de seus contextos particulares de atualização, embora atos de leitura sempre ocorram em contextos historicamente determinados.

De acordo com Pinheiro (2008), se fizéssemos um levantamento sobre a presença da cultura popular e, mais especificamente, da literatura oral no currículo do ensino básico, descobriríamos que ela não é quase referida nas primeiras séries. Conforme o estudioso, quando a literatura popular aparece no meio escolar é quase sempre nas semanas do folclore, ficando fora o resto do ano. Conforme Ayala (2003), no texto “Aprendendo a aprender com a cultura popular”:

Os estudantes estão sempre prontos para descobrir. Adoram experiências que integram palavra, corpo e literatura. São muitas as experiências didáticas que se valem de diferentes técnicas de dramatização. O uso da letra, da palavra, da imagem, do som nessas representações de cunho didático pode revelar para alunos e professores um universo cultural riquíssimo. (AYALA, 2003, p. 110)

Pinheiro (2008) esclarece que quando há presença da cultura popular no trabalho de algumas escolas e até mesmo de secretarias de educação, muitas vezes a concepção que se tem é de *resgate* de algo que já teria morrido. Esse modo de ver, por mais bem



intencionado que seja, não consegue vislumbrar toda a dinâmica da cultura popular, seu fazer e refazer-se cotidiano no seio de determinados grupos ou comunidades. A literatura popular ajuda a pensar o letramento: a relação entre literatura e realidade atual dos alunos. Ajuda a pensar a realidade política, histórica, social em que eles estão inseridos.

### **3 Poetas campinenses na escola**

No segundo semestre de 2014 planejamos desenvolver um trabalho com autores da terra, ou seja, escritores vivos da cidade de Campina Grande-PB, com o objetivo de mostrar aos nossos alunos que a literatura não é algo distante de nossa realidade. Para isso, escolhemos cinco poetas da cidade e lemos, por um bimestre, alguns de seus poemas em sala de aula. Os poetas estudados foram, respectivamente: Amazan, Fidélia Cassandra, Rochelle Melo, Silas Silva da Paraíba e Maria Godelive. A escolha se deu pela acessibilidade dos escritores, tendo em vista que a intenção do trabalho era finalizar com um sarau poético que pudesse contar com a participação dos escritores estudados.

Desse modo, na primeira semana distribuimos uma antologia com alguns poemas de Amazan e uma pequena biografia do poeta campinense. José da Silva (nome artístico Amazan) viveu uma infância cheia de dificuldades em Jardim do Seridó, Estado do Rio Grande do Norte. Logo cedo se apaixonou pela poesia e pela música e, assim, teve contato com a primeira sanfona, de um primo. Vivia nas feiras ouvindo os cantadores e, ao aprender a ler, lia avidamente todo folheto que via, passando a conhecer melhor os afamados cordelistas do seu tempo. Amazan improvisa com muita facilidade. Sua poesia matuta faz as plateias se desmancharem em riso, a exemplo de quando ele declama “Matuto nas Oropa” e outras poesias matutas. Tem cds gravados, participa de shows, festivais, congressos, calouradas, vários eventos. Possui dois livros de poesia matuta: *Palavra de nordestino* (1987) e *Nordeste em carne e osso* (1991),



além de cordéis como: *O bicho do olho só*; *Matuto incrementado*; *A semelhança do papo pro saco*; *40 anos dos Direitos Humanos* [2º lugar no Concurso de cordel promovido pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Campina Grande/PB/1989]; *Zé Limeira, um absurdo no céu*.

Lemos, debatemos e refletimos sobre alguns de seus poemas e apresentamos alguns poemas matutos do cd “Dez poemas engraçados”. Os alunos gostaram, pois se identificaram com o mundo exposto por Amazan. Além disso, os textos traziam enredos engraçados de nordestinos em situações de conflitos identitários, o que aproximou os textos das realidades dos alunos. Eles conheciam o artista como cantor e sanfoneiro, mas desconheciam a veia poética do cantor.

Na semana seguinte foi entregue uma antologia de poemas da escritora, cantora e professora Fidélia Cassandra, que nasceu em Campina Grande. Seu canto inicia-se, ainda criança, no Mosteiro das Clarissas, onde sua tia, freira daquela ordem, a levava para cantar para as noviças enclausuradas. Vários shows fazem parte da sua extensa carreira que se iniciou na década de 80. Em 2002, lança seu livro de poemas *Amora*, que traz à tona um exercício poético iniciado aos 12 anos. Em 2008 lança seu segundo livro de poemas *Plumagem*. Em 2013 lança outro livro de poemas *Melikraton*.

Os alunos se identificaram bastante com a poesia lírica da autora, principalmente com o viés erótico de alguns de seus poemas, como “Pecado original” e “Sorvete”.

Na semana posterior levamos uma antologia de poemas de Rochelle Melo. Natural de Campina Grande, é psicóloga clínica e hospitalar, professora do Curso de Cuidadores de Idosos-PIATI/UFCG, especialista em saúde pública, pela Facisa-Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, e mestre em Ciências da Educação, pela UTAD-Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro de Portugal. Poetisa, cronista, membro e diretora de eventos da POEBRAS/CG-*Casa do Poeta Brasileiro de Campina Grande*. Iniciou sua carreira literária na infância, através da escrita de pequenas



histórias e contos, passando a dedicar-se, na adolescência, à arte poética e aos estudos de filosofia, sociologia, antropologia e literatura, possuindo, na época, poemas publicados no *Jornal da Paraíba*. Em 2003, tornou-se membro da POEBRAS/CG e, alguns anos depois, foi eleita diretora de eventos da referida entidade. Ao longo de sua trajetória artística e de ativismo cultural, organizou e participou de inúmeros saraus poéticos e eventos artístico-culturais em seu município e fora dele. Colaborou em revistas literárias, a exemplo da revista *Boca Escancarada-Monteiro/Paraíba*. Organizou e publicou trabalhos em jornais literários, a exemplo do *Campina Cultural da POEBRAS/CG*, *PB-LETRAS* e *RS-LETRAS*. Participou das seguintes coletâneas literárias: *Poética* (2003), *Poetas de Campina Grande* (2004) e *Autores campinenses* (2005).

Os alunos não se identificaram com sua poesia, pois acharam sua linguagem complexa, distante de suas realidades. Assim como Fidélia Cassandra, Rochelle Melo não escreve poesia popular.

Na quarta e quinta semanas os alunos receberam um material com as biografias de Silas Silva da Paraíba e Maria Godelivie, tendo em vista que alguns de seus cordéis seriam lidos nessa semana e na semana seguinte.

Silas Silva foi descoberto pela imprensa nacional quando participou do primeiro São João do Nordeste realizado na cidade de São Paulo-SP, no ano de 2004. O poeta e também xilogravurista já emprestou seu talento para ilustrar, em vários recantos do país, as capas de diversos cordéis. Sinônimo de cultura, o poeta foi homenageado com a Medalha de Honra ao Mérito, concedida pela Academia Paraibana de Literatura de Cordel, como reconhecimento pelos seus trabalhos prestados à cultura popular, notadamente a Literatura de Cordel e a xilogravura. Alguns de seus inúmeros cordéis: *Peleja de Zé Ramalho com Raul Seixas*, *A dengue em versos de cordel*, *Terror em Nova York*.



Maria Godelivie Cavalcanti, desde a sua infância, foi direcionada, pelo seu ídolo e pai Agripino Batista de Oliveira, que, gostando de poesia popular, comprava folhetos de cordel e os lia para a filha. Quando alfabetizada, começou a ir à Feira Central com seu pai e lá entrava em contato com aquele mundo que lhe era fascinante. Havia uma grande quantidade de barracas, poetas, violeiros e vendedores cantando poesias. Quando começou a lecionar a disciplina Língua Portuguesa, passou a usar o cordel na sala de aula, percebendo que a aceitação e o prazer da leitura dos cordéis faziam com que as aulas se tornassem algo prazeroso ao aluno. *Algumas obras publicadas: O gostosão (2002); O homem que beijou uma alma (2003); Ô mulher desnaturada (2004). Tapa trocado não dói ou chifre com chifre se paga (2006); Um marido duvidoso ou um casamento interesseiro (2006); O velhote enxerido (2007); Amor no escuro ou o cego e a dama da noite (2007); A galega do negrão (2008); Chifrudos associados (2008).*

Os alunos gostaram muito dos cordéis dos poetas, principalmente os de Maria Godelivie. Descobriram que a cordelista era moradora do bairro onde funcionava a escola e se sentiram privilegiados.

Foi organizado, juntamente com os alunos e outros professores da escola, o “I Sarau Literário da Escola Estadual de José Pinheiro”, onde os poetas convidados puderam apresentar alguns de seus poemas.

Os alunos ficaram surpresos com a notícia de que quatro dos cinco poetas estudados haviam aceitado fazer parte do sarau: Fidélia Cassandra, Rochelle Melo, Silas Silva e Maria Godelive. Além disso, esteve presente também a cordelista Almira Araújo. A cordelista Maria Godelivie não pode estar presente. Por esse motivo, elaborou um poema parabenizando os alunos pelo trabalho. Em seguida, gravou para que fosse apresentado ao final do sarau. Os alunos ficaram muito entusiasmados ao assistirem ao vídeo em sua homenagem. Abaixo o texto da cordelista:

01

Meus amigos meu desejo  
Era está ai com vocês  
Participando desse evento  
Não pode ser dessa vez  
Meu coração fica vibrando  
Pulsando com altivez.

02

O meu nome é Godelivie  
Sou poeta popular  
Meu coração se agigante  
Toda vez que vou falar  
Sobre poesia e cordel  
Ôh! troço pra encantar.

03

Sou nordestina valente  
De um chão bem castigado  
Campina Grande é a cidade  
Paraíba o meu estado  
Orgulho que levo sempre  
Em estandarte hasteado.

04

Meu coração está triste  
Pois não pude comparecer  
A esse grande evento  
Que vai hoje acontecer  
No Estadual de José Pinheiro  
Um grande sarau vai ter.

05

Os alunos estudaram  
A importância do cordel  
A professora Jacklaine  
Fez da aula um escarcéu  
Mostrando para os alunos  
O que é um menestrel.

06

E eles absorveram  
Para na vida aplicar  
Pois a poesia é divina  
E tem poder de encantar  
Levando ensinamentos  
Que só vão lhes ajudar.

07

Aos amigos e poetas  
Que hoje estão presente  
Façam um evento lindo  
Avante o nome da gente  
E nas cordas do coração  
Emocione o repente.

08

Amigo Silas prazer  
Por vê-lo continuar  
Varando na poesia  
Abraçando o popular  
E ensinando ao mundo  
Como se deve rimar.

09

Como é lindo escutar  
Fidélia cantarolando  
Ela sabe encantar  
No canto que vem cantando  
Fazendo a poesia  
Rimando e recitando.

10

Rochelle nobre poetisa  
Não sei muito de você  
Mas me falaram bastante  
Da figura do seu ser  
És inteligência rara  
Foi o que ouvi dizer.

11

Amazan, grande amigo  
Sanfoneiro arretado  
Poeta de alta classe  
No cordel improvisado  
Meus sinceros cumprimentos  
De modo bem acirrado

12

Termo aqui deixando  
Minha enorme gratidão  
Expressa nesse poema  
Que fiz com toda emoção  
Agradeço a todo mundo  
Do fundo do coração.



13  
Também quero agradecer  
O convite a mim feito  
Pra falar de poesia

Coisa que eu me deleito  
E fico aqui sentindo  
A emoção dentro do peito



Os alunos conseguiram sentir a presença da poesia em seus cotidianos. Sentiram-se lisonjeados com a presença de artistas na escola e puderam reconhecer o valor da arte de nossa terra. Aplaudiram as declamações das poesias e pediram autógrafos nos fardamentos, além de fotos, ao final do evento.

O sarau foi um sucesso. Circulou nas redes sociais e *internet*, de uma forma geral. Os alunos passaram dias comentando. O segundo sarau vai começar a ser organizado para o ano de 2015. Esperamos que seja um evento que passe a acontecer anualmente.

Conforme Colomer (2007, p. 41), nosso mundo se encontra cada vez mais globalizado e mais desigual ao mesmo tempo. No entanto, muitas crianças que vivem à margem do sistema social “necessitam da palavra e das histórias para poder sobreviver. E as crianças que vivem instaladas na maior passividade consumista necessitam da palavra e das histórias para resgatar-se.” Conforme a estudiosa: “‘Alguém’ deve continuar dizendo quais palavras e que histórias podem exercer melhor essa missão e como se podem oferecer à infância. Essa seleção, essa mediação, é o que dá unidade e sentido ao trabalho profissional dessas distintas áreas, entre as quais a escola ocupa o lugar privilegiado.”

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Precisamos aprender a ver e a ouvir a cultura popular, e torná-la mais visível. Através de pesquisas com os próprios alunos, descobrir diferentes manifestações da cultura do povo enraizadas em suas comunidades. Este trabalho de descoberta e posterior visibilidade pode, inclusive, ter uma função importante na autoestima de inúmeras crianças e jovens. O caminho é partir da comunidade, do que ela produz.



(PINHEIRO, 2008)

Pinheiro (2008) deixa claro que apenas agora, no século XXI, estão começando a surgir reflexões sobre literatura popular e ensino. É importante destacar que a escola deverá ser sempre o lugar da pluralidade. Portanto, deve-se incentivar o aluno a valorizar a riqueza da literatura popular, conhecer suas especificidades, seu contexto de produção, mas que isso não implique em criar um preconceito com outras manifestações literárias.

Conforme Bosi (1992, p. 340-341), a escola deveria ser o lugar de desenvolvimento constante da própria linguagem. Ser o lugar do “despertar para o que de mais humano e belo tem produzido a imaginação plástica, musical e poética no Brasil ou fora do Brasil.” De acordo com Colomer (2007):

Provavelmente uma das causas da resistência à leitura provenha da perda das formas de leitura coletiva nas sociedades contemporâneas. Antes, participar do folclore oral da coletividade, ouvir a leitura em voz alta do professor ou saber que todo mundo conhecia de cor poemas e canções e podia lembrar-se deles a qualquer momento, dava uma intensa sensação de possuir um instrumento que se harmoniza com o entorno. O processo da leitura autônoma e silenciosa e da seleção individual dos livros, ao contrário, proporcionou uma dimensão de isolamento em relação ao grupo social imediato. (COLOMER, 2007, p. 141)

Por esse motivo, é papel da escola formar essa comunidade de leitores sem que as experiências adquiridas com as leituras poderão ser socializadas de modo a amadurecer o aluno leitor.

Compartilhar a leitura individual significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la, conforme Colomer (2007). Porque o gosto se forma através de diferentes opiniões. Precisamos, como afirma Paulo Freire, maior mestre da educação brasileira, “Educar para liberdade”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, MARCIA. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

AYALA, Maria Ignez. Aprendendo a aprender a cultura popular. In: PINHEIRO, Helder. **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Conhecimentos de Língua Portuguesa. In: **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério de Educação, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de literatura. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério de Educação, 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luis (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PINHEIRO, Helder. Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. In: **Literatura e formação de leitores**. PINHEIRO, Helder et al (Orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2008.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação do Estado. Conhecimentos de literatura. In: **Referenciais Curriculares para o ensino médio da Paraíba**: linguagens, códigos e suas tecnologias. João Pessoa: [s.n.], 2006.